

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—*Des annos!* pela redacção.—Secção Religiosa: *As Bellezas Litterarias da Escripura*, por J. C. de Faria e Castro.—Secção Scientifica: *Os principios catholicos perante a razão*, XVIII, *Liturgia catholica*, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus—II*, P. *Francisco Suares*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Onde estamos?* por Elias de Sampaio.—Secção Illustrada: *D. Manuel Agostinho Barreto, Bispo do Funchal*, por * * *.—Secção Litteraria: *A Estatua de Affonso*, poesia, por Mattos Ferreira.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

Gravuras: *Retrato do Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. D. Manuel Agostinho Barreto, Bispo do Funchal; Um religioso do monte S. Bernardo, Como se viaja na Russia.*



S. EX.ª R.ª O SNR. D. MANUEL AGOSTINHO BARRETO, BISPO DO FUNCHAL

GUIMARÃES 30 DE OUTUBRO DE 1887

DEZ ANNOS!



ão passados dez annos, depois que uma pleiade de voluntarios surdiu na estacada da imprensa catholica, arvorando uma bandeira nas dobras da qual se liam as palavras—PROGRESSO CATHOLICO.

Dez annos! e apezar de tanto tempo decorrido, a despeito das fortes ventanias, que de todos os campos, onde a impiedade ergue suas tendas, tem fustigado essa bandeira, as palavras—PROGRESSO CATHOLICO continuam a ver-se em suas amplas pregas, distendidas ao sol do progresso e da liberdade.

Sim, do progresso e da liberdade, porque só estas palavras se pronunciam sem mentira no campo onde se levanta a cruz, onde se pugna pelos desfavorecidos da fortuna, onde ha consolações para todos os infortunios, onde se calcam preconceitos, onde se ri dos respeitos humanos, para só proclamar as verdades do Evangelho, para soltar o grito ha desenove seculos escutado na esplanada do Calvario de—*amai-vos uns aos outros.*

Faz hoje dez annos que o PROGRESSO CATHOLICO appareceu na arena da imprensa, e, apezar de tanto tempo decorrido, sentimo-nos com as mesmas forças, que nos animaram ao principiar as nossas lides jornalisticas. Somos ainda fortes, louvores a Deus, que nos hade dar coragem para ainda n'este anno nos não afastarmos do posto de honra, empunhando a penna do escriptor que só recebe inspiração do céo, que só tem por felicidade não desagradar ao Vigario de Jesus Christo e aos seus representantes na terra, onde o PROGRESSO CATHOLICO é lido, que são todas as terras do mundo, onde se falla portuguez:

São nossos mestres os Bispos, d'elles receberemos gostosos todos os ensinamentos, diante das suas vontades auctorisadissimas refrearemos nossos impetos e deporemos até as armas, enrolaremos a nossa bandeira purissima; mas não haverá outra auctoridade que nos cale, nenhuma consideração que nos peiem. Pelejamos no campo da Egreja, só aos principes d'ella respeitamos, só d'elles recebemos leis e imposições; afastados do campo da politica nada temos com o poder civil, senão para o respeitar como cidadãos, como catholicos e como jornalistas. Ninguem mais que nós respeita as leis e acata a auctoridade, e se alguma vez temos acres censuras que dirigir aos governos do paiz é quando elles transpõem as barreiras do nosso campo.

Continuamos, pois, na nossa tarefa. Os nossos arraiaes continuam a ser atalaiados por soldados fieis, por valentes cavalleiros de Christo; em meio do campo ergue-se o nosso pendão—a Cruz: nos nossos arsenaes recebem-se as armas com que havemos pelear—as Encyclicas do Papa e as Pastoraes dos Bispos; nos peitos de todos nós arde intenso o amor de Deus e da Patria.

E eis o que seremos, o que somos, porque é o que temos sido durante dez annos.

Ao entrar no decimo anno, é dever nosso agradecer a todos os nossos amigos a protecção dispensada; á imprensa catholica (a que o é, e não a que se chama dar um abraço pela boa camaradagem, e a todos os nossos leitores um pedido:—o promoverem quanto possível a propaganda do PROGRESSO CATHOLICO.

A REDACÇÃO.

SECÇÃO RELIGIOSA

Estudos Biblicos

As Bellezas Litterarias da Escriptura



A Biblia todo o genero litterario abi se encontra: descripções poeticas, quadros em verso e em prosa, narrações em prosa, caracteres em verso e em prosa, definições em verso e em prosa, eloquencia oratoria poetica, eloquencia oratoria em prosa, allegorias, dialogos, odes, canções, epistolas, apologos, parabolos, etc. etc.

A Escriptura Sagrada apresenta-nos, principalmente, mui formosas descripções assim em verso como em prosa. A meu ver, uma das mais perfeitas descripções na Biblia é a que se encontra no Capitulo XXVI do Exodo e que contem a descripção do tabernaculo dos Hebreus, bem como a do Capitulo II dos Numeros sobre o mesmo.

A descripção pinta um objecto ou uma situação, circumstanciando as feições que caracterisam esse objecto ou essa situação.

A descripção, que é uma especie de definição, é, para assim dizer, a pintura escripta. O seu merito está no ser completa sem detalhes inuteis. Assim é a de Moysés, n'estes termos:

«O tabernaculo fal-o-has assim. Haverá dez cortinas de linho fino retorcido, de cor de jacyntho, de purpura, e d'escarlata tingida duas vezes: e ellas serão brincadas de varios bordados.

—Cada cortina terá vinte e oito covados de comprimento, e quatro de largo.

Todas as cortinas terão uma mesma medida.

—Cinco cortinas estarão junctas a uma hauda, e outras cinco á outra.

—Porás nas ourelas das cortinas d'um, e outro lado uns cordões de jacyntho, para que ellas se possam chegar umas ás outras.

—Cada cortina terá cincoenta cordões de cada lado, postos de tal sorte, que quando as cortinas se houverem de chegar, respondam os cordões d'uma aos da outra, e ellas possam prender umas nas outras.

—Farás tambem cincoenta argolas d'ouro, que sirvam para ajuntar entre si os dous véos, compostos cada um de cinco cortinas, para que assim pareça ser um só véo o que cobre o tabernaculo.

—Farás outrosim onze cobertas de pello de cabra para cobrirem o tecto do tabernaculo.

—Porás tambem cincoenta cordões na ourela d'uma d'estas cobertas, para que ella se possa ajuntar com a outra; e cincoenta cordões na ourela da outra coberta, para esta prender com aquella.

—Farás tambem cincoenta fivelas de metal, pelas quaes passem os cordões, affm de que todas estas cobertas pareçam uma só coberta.

—E porque d'estas cobertas, destinadas a cobrir o tecto, haverá uma de mais; tu empregarás a metade d'ella em cobrir as costas do tabernaculo.

—E como estas cobertas por serem mais compridas do que as cortinas, descerão mais baixo um covado de cada parte; isto, que n'ellas pende de mais, servirá de cobrir os dous lados do tabernaculo.

—Farás tambem uma terceira coberta para o tecto, que será de pelles de carneiros tintas de vermelho; e outra quarta coberta de pelles tintas de roxo.

—Farás outrosim umas taboas de pão de setim, que estarão levantadas ao redor do tabernaculo.

—Cada uma d'ellas terá dez covados d'alto, e covado e meio de largo.

—Cada uma terá d'uma, e outra parte seus encaixes, por onde uma se metta na outra; e todas as taboas estarão dispostas d'esta mesma maneira.

—Vinte estarão ao lado meridional, que olha para o Austro.

—Farás fundir quarenta bases de prata, para que cada taboa assente sobre duas bases, que lhe sustentem os dous angulos.

—Estarão tambem outras vinte taboas ao outro lado do tabernaculo, que olha para o Aquilão.

—as quaes assentarão sobre outras quarenta bases de prata, tendo cada taboa duas bases, que a sustentem.

.....
—Chapearás d'ouro estas taboas, e

pôr-lhes has umas argolas d'ouro, pelas quaes passem os barrotes, que hão de segurar o madeiramento: e estes barrotes serão também chapeados de ouro.

—D'este modo levantarás tu o tabernaculo, conforme o modelo, que te foi mostrado no monte.

* * *

O Capitulo VI do 3.º livro dos Reis e o Capitulo III do 2.º livro dos Paralipomenos encerram as mais perfectas descrições do famoso templo edificado pelo rei e propheta Salomão.

A descripção no livro dos Paralipomenos, começa assim:

—Começou pois Salomão a edificar o templo do Senhor em Jerusalem no monte Moria... E começou este edificio no segundo mez do quarto anno do seu reinado. E este foi o plano, que lançou Salomão para construir a casa de Deus. sessenta covados de comprido pela primeira medida, e de largura vinte covados. E o portico da frontaria, era do comprimento em correspondencia da largura da casa, de vinte covados: mas a altura era de cento e vinte covados: e Salomão o fez dourar todo por dentro d'ouro purissimo.

Fez também forrar a parte maior do templo de madeira de faia, e fez chapear tudo de laminas de purissimo ouro: e gravou n'ella palmas, e umas como cadeazinhas, que se enlaçavam umas com as outras.

Fez pavimentar o templo d'um mármore preciosissimo, no ultimo primor. E o ouro das laminas, de que fez cobrir o edificio, e as suas traves, e as pilastras, e as paredes, e as portas, era finissimo: e fez também esculpir uns Cherubins nas paredes.

E fez a casa do Santo dos Santos...

* * *

As descripções sendo de ordinario compridas, não é possível alargarmos n'ellas ou multiplicar os exemplos. E' facil a qualquer leitor o reconhecer-las uma vez lendo-as. E' principalmente na descripção, que cumpre notar-se, que as palavras devem ter a qualidade da *propriedade*. E nas de Moysés que acima damos ali está a propriedade exuberantemente. Uma expressão não adquada com exactidão destruiria todo o effeito ou alcance do quadro descriptivo.—A Bíblia abunda em descripções de varios generos, em quadros as mais das vezes horrendos ou magnificos: tal é o das maravilhas da criação que traçou a mão immortal de David no seu psalmo 103:

«Bem diz, ó alma minha, ao Senhor: Senhor Deus meu, tu te tens engrandecido poderosamente

De gloria, e de formosura te tens

vestido: coberto de lume como de vestidura:

Que extends o ceo como um pavilhão: que cobres com aguas os seus mais altos logares.

Que pões uma nuvem para tua subida: que andas sobre as azas dos ventos.

Que fazes aos teus anjos espiritos e aos teus ministros fogo queimador.

Que fundastes a terra sobre a sua propria estabilidade: não se inclinará pelos seculos dos seculos...»

Tal é também o da grandeza e do poder de Jehova, esboçado com tão grande pompa e magestade pela mão divina do propheta Isaias no Capitulo 40.

—«Levantai vossos olhos ao alto— diz Isaias—e vede quem creou esses corpos celestes: quem faz marchar em ordem o exercito das estrellas, e as chama a todas pelos seus nomes: pela efficacia da sua fortaleza e força, e poder, nem uma só faltou... Elle é o que dá força ao caçado: e o que multiplica a fortaleza e o vigor aquelles, que não são fortes.»

O psalmo 17, em que David pinta o Eterno, apresenta-nos também um quadro diante do qual todo o sublime de Homero e de Milton parece desmaiado e sem deslumbramento.

Elle começa assim:

STROPHE

Eu te amarei, ó Deus, meu doce amparo,
O' minha fortaleza, e ferro escudo!
Tu meu libertador, minha esperança,
Tu és da minha vida o firme esteio;
Mal te invoco, recua,
Desatando fogo.
Dos inimigos meus o informe bando,
Que feroz contra mim vinham bradando.

ANTISTROPHE

Qual empolada e rapida torrente,
Encarilhados se precipitavam;
Já da morte inedonha o rosto pallido
Parecia accusar-me, e com algeinas
Os pulsos me apertava,
De dores me cingia;
Faneira sombra, a tropa se amontoa,
Já me julgava, n'este duro instante.

EPODE

Soaram meus clamores
No teu sagrado templo, e te accendeste
Em ira justa, o santa:
Dos montes se abalaram
Os vastos fundamentos;
A terra em torno freio,
E a natureza espavorida treme.

STROPHE

De voraz-fogo crepitantes flammas,
Per toda a parte, ondeam; abrazados
Carvões revolum pelos deusos ares:
Os ceos curvaste, já teus pés repousam
Em tenebrosas nuvens:
Cherubim inflamado
Te guia o cocho, a tropa se amontoa
Dos ventos, e nas azas d'elles voa.

EPODE

Nos ceos a voz retumba
Do Omnipotente; fulminantes chammas
Os ares mais accendem;
Cresce a espessa saraiva:
Despede as settas suas,
De raios junca a terra
O seu furor, á imiga gente aterra (1).

* * *

O cantico de Habacuc desenrola-nos também (capitulo III), em varios versiculos, alguns quadros de uma sublimidade e de uma energia fóra do commum.

Que se leia, por exemplo, os versiculos 7, 8, 9, 10, 16, 17, 18, 20, 22 e 23, e ver-se-ha que não é exagerada a nossa opinião.

Que energia n'as seguintes expressões: «O abyssmo fez ouvir a sua voz: a profundidade levantou as suas mãos;» —também n'estas: «Tu no teu bramir pizarás aos pés a terra: no teu furor espantarás as Gentes: *In fremitu concalcabis terram: in furore obstupescies Gentes,*» e n'estes dois versiculos:

«Olhou, e derreteu as Gentes: e foram reduzidos em pó os montes do seculo: *Asperit, et dissolvit Gentes: et contriti sunt montes saculi.*

Os outeiros do Mundo se incurviram, pelos caminhos da sua eternidade: *Incurvati sunt colles mundi, ad itineribus aternitatis ejus.*»

* * *

No livro de Job a descripção do cavallo é tão energica como sublime.

E' o proprio Eterno que a faz.

A interpedez com que o cavallo se arremessa, o terror que infunde com a respiração que lhe sae pelas ventas, o desprezo em que deita o medo, etc., etc., são ali para arrebatá-los.

No capitulo 1.º das prophecias de Isaias, encontra-se uma rapida e viva descripção da ruina futura de Jerusalem: ella começa no versiculo VII:

«A vossa terra está deserta, as vossas cidades abrazadas do fogo: os estranhos á vossa vista devoram a vossa região, e ella será devastada como n'uma assolação de inimigos.

E ficará desamparada a filha de Sião como choupana em vinha, e como choga em pepinal, e como cidade que é devastada.

Se o Senhor dos exercitos nos não tivera conservado alguns da nossa linhagem, teriamos sido como Sodoma, e ter-nos-hiamos tornado taes como Gomorrha.»

No capitulo VI do mesmo propheta, é para admirar-se a descripção seguin-

(1) Tradução dos Psalmos por o padre Antonio Pereira de Sousa Caldas.

te, que differe inteiramente das demais. Eil-a:

«No anno, em que o rei Ozias morreu; vi ao Senhor assentado sobre um alto e elevado Solio: e as cousas que estavam debaixo d'elle, enchiam o templo.

Os Serafins estavam sobre elle: seis azas tinha um, e seis azas tinha outro: com duas cobriam a sua face, e com duas cobriam os seus pés, e com duas voavam:

E clamavam um para o outro, e diziam: Santo, Santo, Santo, Senhor Deus dos exercitos, cheia está toda a terra da sua gloria.

E estremeceram os umbraes com as couceiras á voz do seu clamor, e a casa se encheu de fumo.»

* * *

Uma descripção na verdade maravilhosa é a que se põe logo em evidencia no principio do capitulo VI do propheta Ezechiel. Ella diz respeito igualmente á destruição de Jerusalem. Eil-a:

«E dirás: montes d'Israel, ouvi a palavra do Senhor Deus: Isto diz o Senhor Deus aos montes, e aos outeiros, aos rochedos, e aos valles: Eis-ahi mandarei eu sobre vós a espada, e destruirei os vossos altos:

«E demolirei os vossos altares, e serão quebrados os vossos simulacros, e arrojarei os vossos mortos entre os vossos ídolos.

«E estenderei os cadaveres dos filhos d'Israel por diante dos vossos simulacros: e espalharei os vossos ossos ao redor dos vossos altares,

«em todas as vossas habitações. As cidades serão desertas, e os altos serão demolidos, e desfeitos: e os vossos altares cairão, e serão quebrados: e cessarão os vossos ídolos, e os vossos templos serão derribados, e ficarão extinctas as vossas obras.»

Em que auctores profanos acharemos uma tal grandeza em descripções!?

J. C. de Faria e Castro.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

(Continuado do n.º anterior)

XVIII

Liturgia catholica

Antiguidade da liturgia.—Identidade essencial das antigas liturgias entre si e com as que modernamente se observam.—Os Concilios, e o Papa S. Celestino e S. Agostinho defenderam as tradições liturgicas dos Apostolos.—Nas liturgias romanas, dos Gregos, Coptos, Syrios e Muzarabes ha conformidade essencial.—A liturgia romana estreita a união dos catholicos.—A confissão sacramental acha-se consignada na liturgia primitiva.—Reflexões.

ANTIGUIDADE da nossa liturgia sagrada está provada no Novo Testamento. Jesus Christo mandou aos Apostolos celebrarem o mysterio da sagrada Eucharistia quando depois de lhes ter administrado a communhão disse estas palavras bem terminantes e significativas: *Fazei isto em minha commemoração.*

Á cerca do sublime e incruento sacrificio escrevia S. Paulo aos christãos de Corinto (1); as actas apostolicas recordam tambem este mysterio nos seguintes terminos: E estavam elles administrando ao Senhor e jejuando, etc. (2).

O Apocalypse de S. João apresenta allegorias muito exactas e sublimes da sumptuosidade do culto na primeira idade da Igreja. O inspirado evangelista allude nos seus poeticos conceitos ás festividades do domingo e Jesus adorado pelos bispos das sete igrejas primitivas; mencionam-se ali os candelabros de ouro, as brancas tunicas de linho, os cingulos, as cordas, e o incensorio; o altar, a victima symbolysada no Cordeiro sem macula, um livro selado mysteriosamente, os canticos de inspiração sublime e hymnos de belleza mysteriosa:

«E cantavam um cantico novo, dizendo: És digno, Senhor, de tomares o livro, e de desatares os seus sellos, porque tu foste morto, e nos remiste para Deus com o teu sangue de toda a tribu, e de toda a lingua, e de todo o povo, e de toda a nação. . . Digno és o Cordeiro, que foi morto, de receber a virtude, e a divindade, e a sabedoria, e a fortaleza, e a honra, e a gloria, e a benção. Ao que está sentado no throno e ao Cordeiro, benção, e honra, e gloria e poder por seculos de seculos. . . E os vinte e quatro anciãos se prostaram sobre os seus rostos, e adoraram ao que vive nos seculos dos seculos, etc. (3).»

Recorda as reliquias dos martyres depositadas debaixo dos altares: «Vi debaixo do altar as almas dos que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus, e pelo testemunho, que tinham dado d'elle. E chamavam em alta voz dizendo: até quando, Senhor Sancto e verdadeiro dilatas tu o fazer-nos justiça, e vingar o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? E foram dadas a cada um d'elles umas vestiduras brancas (4). E veio outro anjo e parou diante do altar, tendo um thuribulo de ouro, e lhe foram dados muitos perfumes, das orações de todos os Sanctos, para que os poses-

se sobre o altar de ouro, que estava ante o throno de Deus. E subiu o fumo dos perfumes das orações dos Sanctos da mão do anjo diante de Deus. . . E o anjo tomou o thuribulo, e o encheu de fogo do altar (5).»

Até o seculo V da Igreja não se escreveram livros de liturgia, observando-se a que apparecia nas constituições apostolicas, pois n'aquella primitiva e fervorosa epocha do christianismo, os nossos ritos e sagradas ceremonias eram cuidadosamente resguardadas da curiosidade dos idolatras. A liturgia era conservada por uma rigorosa e exacta tradição e occultamente ensinada aos ministros do altar, dando este costume origem ás diversas denominações que tomou nas diferentes igrejas, ou que lhe deram os bispos: d'este modo era conhecida em Roma e em Antiochia a liturgia de S. Pedro, as liturgias de Santiago e de S. Marcos em Jerusalem e na Alexandria, e em Constantinopla a que depois foi chamada de S. João Chrysostomo e de S. Basilio.

Mas apesar da diversidade de nomes, as liturgias são accordes no essencial e observam as mesmas prescrições. Encontramos em todas a leitura dos livros sagrados, um sacerdote apresentando sobre a ara a sagrada offerta, o prefacio, o Sanctus, as orações por vivos e defuntos, o mysterio adoravel da consagração do pão e do vinho com as palavras que Jesus Christo pronunciou para instituir o sacramento, a adoração e fracção do pão, o osculo de paz, a oração dominical, a communhão, a acção de graças e benção. Com tão admiravel exactidão e uniformidade se conservaram no seculo V todas as tradições apostolicas ácerca da liturgia!

Mas quando a heresia inconsiderada ousou negar algumas doutrinas sanctas da Igreja, que por esta causa foram declaradas dogmaticas pelas decisões conciliares, tornou-se necessario consignar essas doutrinas na liturgia, e foi este o motivo de se introduzir n'ella, depois do Concilio I de Nicea a palavra *consustancial* e o titulo de *Mãe de Deus* dado á Virgem por declaração do Concilio de Epheso III geral, que se celebrou sob a presidencia do legado pontificio S. Cyrillo.

A authenticidade da liturgia demonstra-se com o testemunho de grande numero de auctores, e da sua antiga existencia nos dão clarissima prova todas as igrejas desde a fundação do christianismo.

Nas obras dos herejes mais antigos encontram-se razões sufficientes para nos convencermos de que nos primeiros tempos se usava a liturgia essencialmente conforme com a que hoje se

(1) I, cap. XI, vers. 23 e seguintes.

(2) Act., cap. XIII, vers. 2.

(3) Apoc., cap. V, vers. 9, 12, 13 e 14.

(4) Idem, cap. VI, vers. 9, 10 e 11.

(5) Apoc., cap. XIII, vers. 3, 4 e 5.

observa. Artemon, Menandro, Cerintho e os Gnosticos, todos herejes do seculo I da Igreja, Valentino e Montano do seguinte, Novaciano, Sabellio, Paulo de Samosata e os Manicheus, que mais adiante appareceram, e Ario com todos os sectarios no seculo IV, não só ensinaram graves erros contra o dogma, senão que alteravam de tal modo a disciplina e a liturgia da Igreja, que foi preciso reunir concilios para conter tantos desregramentos; e S. Celestino, papa, e S. Agostinho defenderam as tradições apostolicas. Os concilios condemnaram não somente a heresia, senão toda a innovação na disciplina e nos ritos, curando de conservar exactamente as tradições praticas da liturgia. Para este fim teve Roma no segundo seculo assembleas de prelados; em Africa e Antiochia celebraram-se das mesmas assembleas no seculo seguinte, e o Concilio I de Nicea determinou importantes assumptos de liturgia, assim como o quarto de Carthago, ao qual assistiu S. Agostinho.

As liturgias modernas dos Gregos, dos Coptos e dos Syrios são as que antigamente se chamavam de S. João Chrysostomo, de S. Marcos e S. Thiago, e a liturgia romana é a mesma que denominaram de S. Pedro. Esta observouse em Hespanha até o seculo V, onde os godos antes de acceitar o arianismo introduziram a sua, conhecida depois com o nome de Mosarabe.

Em todas estas liturgias, como nas antigas, observamos rigorosa uniformidade nos dogmas, ritos identicos para o culto, cujas orações teem o mesmo fim e espirito. Em todos os rituaes antigos e modernos apparece reservada ao sacerdocio a celebração dos mysterios: ha em todos elles oblação, consagração, adoração eucharistica e comunhão; templos, altares, vestes sagradas, adorações, incensações, preces em commun, exhortações publicas com o ensino moral, culto ás imagens dos sanctos, administração de sacramentos, e finalmente a confissão auricular:—dogmas em que estão conformes os patriarchas, primazes, arcebispos, bispos, abbades geraes e presbyteros de todos os ritos e paizes, tanto latinos, como gregos, armenios, bulgaros, maronitas, coptos, chaldeus, romanos, syrios, malquitas e mosarabes (1).

(Continua)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

(1) Na abertura do sancto Concilio oecumenico do Vaticano apresentaram-se os seguintes Padres:

701 do rito latino;	4 maronitas;
3 do grego;	10 melchitas;
25 do armenio;	2 do rito romano;
1 bulgaro;	1 ratheno;
10 do rito chaldeu;	7 do syriaco.
1 copto;	

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

II

P. Francisco Suares

Á n'esta *Revista* dêmos noticia do P. Claudio Nonnotte, da Companhia de Jesus, insigne apologista da religião nos fins do seculo passado, contra os encyclopedistas, e principalmente contra Voltaire.

Mas a Ordem de Santo Ignacio de Loyola tem produzido muitos varões sabios e virtuosos, em todo o tempo da sua existencia, e seus nomes merecem especial menção.

Parece-nos que não será sem importancia apresentar em resumo uma noticia dos homens mais notaveis da Companhia de Jesus, que geralmente são considerados como classicos na sciencia theologica e na litteratura catholica, ou que por varias circumstancias tiveram influencia no movimento religioso ou moral da sociedade.

Não é possivel fallar de todos os que teem direito a uma menção honrosa, nem intentamos aqui entrar n'esse vasto campo que demandaria grande espaço; apenas enumeraremos alguns dos mais conhecidos.

N'esta galeria de homens notaveis deve figurar, sem contestação, o P. Francisco Suares, profundo theologo e philosopho no seu seculo. Nasceu em Granada, a 5 de janeiro de 1548. Ensinou theologia, com grande reputação de doutrina, nas universidades de Alcalá, Salamanca, Roma e Coimbra.

N'esta ultima universidade foi elle o primeiro professor de theologia.

No seu tempo chamavam-lhe o *maestre commun de todos*. Paulo V deu-lhe o nome de *doutor eximio*, titulo que depois confirmou Bento XIV; e é d'este modo que o encontramos citado por muitos auctores. Assim, quando se diz o *doutor eximio*, entende-se o jesuita Suares. O mesmo Pontifice, associando Suares a Vasques, lhes dá o glorioso epitheto de *luminares da theologia*. E não se pôde dizer mais.

Bossuet affirmou que Suares era o *resumo de toda a eschola moderna*. João Lourenço Berti, agustiniano, diz que nunca leu que houvesse um theologo mais modesto e mais douto que Suares.

Consultando-se os auctores contemporaneos de Suares, admirando a sua sabedoria, achamos este jesuita condecorado por elles com os seguintes nomes: Auctor gravissimo, Agostinho da nossa epocha, grande Suares, doutor celeberrimo, prodigio d'esta idade, luz

da philosophia e theologia, coripeu dos theologos, gigante d'este tempo nas cousas ecclesiasticas, mestre da Europa e de todo o mundo.

A posteridade tem confirmado estes elogios. Todos os theologos, tanto moralistas como canonistas ou escolasticos, citam sempre com grande louvor o jesuita Suares.

A sua opinião sobre qualquer materia goza de grande auctoridade, só por causa do seu nome. Como diz D. Miguel Sanches, poderá algumas vezes não admittir-se, mas nunca ser despresada.

Ainda que o P. Francisco Suares não teve grandes dignidades nem no seculo, nem na sua Ordem, comtudo como humilde filho de Santo Ignacio, professor sapientissimo e valente defensor da doutrina catholica, exerceu grande influencia no seu tempo e nos seguintes. As obras de Suares hão de ser sempre consultadas por todos os amigos das sciencias.

Mas se elle foi tão applaudido por sua sciencia, não o foi menos por sua rara virtude: Suares era tão douto como santo. Morreu em Lisboa, no anno de 1617, proferindo estas palavras: *Não pensai que era tão doce o morrer!*

Escreveu muito este jesuita: as suas obras compõe-se de vinte e tres volumes *in-folio*; tratam de materia philosophica, mystica, moral, canonica e dogmatica.

Em summa o jesuita Suares foi um dos homens mais doutos e virtuosos do seu tempo.

Finalmente, para melhor se conhecer o que foi Suares, notaremos que elle pertencia á eschola chamada *ultramontana*, isto é, catholica pura.

Entre parenthesis: O *ultramontanismo* terminou depois do Concilio do Vaticano; porque n'elle se definiram os pontos que até então eram controversos entre alguns theologos, supposto que a crença mais seguida era a *ultramontana*. Esta, porem, sempre se considerou a mais rigorosamente catholica.

Desde o Concilio do Vaticano terminou a questão; e assim aquelles que hoje condemnam o *ultramontanismo* (epitheto anachronico na nossa epocha), ou não teem a verdadeira fé, ou não sabem o assumpto de que fallam.

Tornando a Suares, como dissemos, elle sustentou com coragem os principios do mais puro catholicismo.

Entre as suas obras mais notaveis devemos numerar o tratado das *Leis* e a *Defesa da fé*.

A primeira era muito estimada até por Hugo Grocio, ainda que protestante; e a segunda é citada com louvor por todos os theologos catholicos.

Mas esta ultima obra foi mandada queimar pelo parlamento de Paris!... E' verdade; mas isto em nada tira o

seu merecimento. Esta obra foi escripta por ordem de Paulo V, e n'ella combate Suares o scisma anglicano e os erros do rei James I.

O parlamento francez condemnou a obra de Suares? Tambem fez o mesmo o rei de Inglaterra. Mas approvou-a e louvou-a Philippe II, rei de Hespanha, e, o que vale mais, foi approvada pelo Summo Pontifice.

E por consequente, a sentença do senado de Paris só mostra que aquella corporação julgou injustamente d'uma obra essencialmente orthodoxa.

Por ultimo advertiremos que se não deve confundir o P. Suares, de que fallamos, com outro do mesmo nome, tambem jesuita, e natural do nosso reino. Os auctores costumam citar este com o nome de Suares lusitano.

III

P. Gabriel Vasques

Este famoso jesuita costuma ser geralmente equiparado com o P. Suares, de que acabamos de fallar. Effectivamente Gabriel Vasques foi um homem de grande talento, philosopho e theologo consummado.

Nasceu em Belmonte, povoação de Castella a Nova (Hespanha), no anno de 1551, entrando muito joven na Companhia de Jesus, onde em breve se distinguio entre os seus confrades.

Ensinou varias sciencias em alguns collegios, principalmente em Roma e Alcalá, com grande reputação.

Acima de tudo isto, era homem de costumes exemplarissimos, de inteireza de vida e candura de alma, amante da pobreza evangelica, perfeito na obediencia, e despresador de todas as grandezas do mundo.

Os theologos do seu tempo respeitavam-n'o como um oraculo, e o intitularam: principe dos theologos, varão sapientissimo, sol da theologia, doutor do mundo, homem admiravel, anjo na vida e na intelligencia, mestre dos mestres.

Bento XIV coronou todos estes encómios, dando-lhe o epitheto de *luminar da theologia*, associando o seu nome ao de Suares.

Morreu santamente em 1604, e a sua morte foi chorada por todos os homens sabios, ordens religiosas, doutores e professores.

Deixou impressos dez tomos *in-folio*, sendo muito estimados os seus Commentarios á Summa de Santo Thomaz de Aquino.

Continua.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Onde estamos?

COM a visita da real familia ao norte do paiz coincidiu um facto altamente repugnante e que hade, podemos affirmar-o, marcar uma data ingloria nos annaes d'este seculo e da cidade de Braga.

Um jornal, que vê a luz da publicidade na cidade dos Arcebispos, dirigido, ao que parece, por pessoa de poucos annos, e menos tino, publicou alguns escriptos de nenhuma conveniencia e de ainda menos graça, tratando desrespeitosamente a familia real, e insultando de algum modo algumas pessoas de Braga.

Foi indigno o proceder do redactor do *Commercio do Minho*; indigno por ser um jornal catholico, que deve vêr na pessoa dos monarchas o symbolo da auctoridade que vem de Deus; e indigno por ser um jornal legitimista, em cujo partido se acham agrupados os mais respeitaveis caracteres do nosso paiz, caracteres que nunca desceriam ao insulto, por que tem a escola do mais fino cavalheirismo.

Andou, por tanto, indecentemente mal o redactor do *Commercio do Minho*, havemos proclamado-o, por que pertencemos á mais alta escola da mais alta cortezania, e sempre os principes, seja qual fôr a côr da libré de seus lacaios, mereceram os nossos respeitoes, e quizeramos que de todos os merecessem, por que mal irá á sociedade quando os reis forem menosprezados.

Deixemos isso, nós, os catholicos, para os inimigos de Deus, que são tambem os inimigos dos reis, ainda que muitas vezes junquem de flores os caminhos que elles trilham.

Mas por que o *Commercio do Minho* andou mal, não podemos louvar o proceder de alguns individuos da cidade Augusta que, esquecendo-se de que vivem n'um paiz legalmente constituido como nação, com leis e legisladores, se arvoraram em juizes, como que estivessemos nos tempos mais barbaros, como que Portugal fosse um paiz de canibaes.

Um povo que se preza, recorre ás leis, quando offendido, e não toma o logar do bandoleirismo desenfreado para fazer justiça por suas mãos. Isso faz-se entre povos selvagens, onde se não ha-tea a cruz, onde a civilisação não tem altares. As hordas selvagens que em Braga assaltaram a redacção do *Commercio do Minho*, querendo desaffrontar a familia real, mostraram aos regios viajantes que no seu paiz vivem ainda povos do mais feroz canibalismo, e

obrigando o redactor da folha legitimista a dar vivas á Carta Constitucional e a el-rei o snr. D. Luiz, mostraram a S. M. que os vivas que ouviram por toda a parte, se não são pagos e de encomenda official, são impostos a bocca de bacamarte e a bombas de dynamite.

Quando ao Bom Jesus chegasse a noticia, imagine-se como el-rei ficaria, e a rainha julgaria que ahi mesmo se despediria de seu marido para o ver levar á guilhotina, qual outro Luiz XVI. Não devera ser mais temivel o povo de Pariz, quando, em sua ferocidade, pedia a cabeça do rei, do que o era a pequena parte do povo de Braga, quando pedia o corpo do redactor do *Commercio do Minho*, e queimava em plena rua a edição do mesmo jornal.

Principia-se assim e chega-se depois aos mais terriveis attentados contra a liberdade e o bem estar do povo.

E fez-se mais. Tendo o nosso collega da *Cruz e Espada* publicado um supplemento estigmatizando o proceder de todos, os selvagens quizeram assaltar tambem a redacção d'este semanario, o que seria repelir o atroz attentado contra a liberdade individual, e contra a liberdade de imprensa.

Que aconteceria se tal acto se pozesse em pratica? Que de desgraças lamentaria a bella cidade de Braga?

A *Cruz e Espada* n'um dos seus n.ºs seguintes declara que apenas soubera que se tramava um assalto á sua redacção, occupara as salas, corredores e escadas com gente sua partidaria, sobraçando carregados bacamartes, para fazer pagar caro o atrevido ousar, e que, se lá fossem com o mesmo fim com que foram ao *Commercio do Minho*, os obrigaria a levantar vivas, das janellas dos seus escriptorios, ao snr. D. Miguel II. E estava no seu direito.

Não era um espectaculo bonito offerecido á cidade de Braga e ao rei?

A imprensa do paiz toda se conspirou contra um tal attentado, e nós, alistados sob as bandeiras de Deus e da Patria, não só nos conspiramos, mas protestamos contra um tal barbarismo, pedindo que se derroquem os tribunaes, que se demittam todos os magistrados judiciaes, que se arrasem as cadeias, e que as leis se rasguem nas praças publicas, antes que o povo soberano levante a cerviz para ser o verdugo dos homens livres, para calcar aos pés a liberdade individual, para nos levar aos selvaticos tempos da mais atroz das tyrannias.

Condemnamos o proceder do redactor do *Commercio do Minho*, mas condemnamos ainda mais os desmandos dos arruaceiros e das auctoridades, que os deixaram levar a effeito o mais brutal dos attentados.

Soldados do christianismo não nos soffre o animo a tyrannia, porque amamos a liberdade, e queremos morrer livres, como foram livres nossos maiores.

Elias de Sampaio.

SECÇÃO ILLUSTRADA

D. Manuel Agostinho Barreto

Bispo do Funchal

BAMOS traçar, posto que imperfeitamente, a biographia de um dos mais eminentes membros do Episcopado Catholico, o Ex.^{mo} e R.^{mo} Bispo do Funchal.

Filho de uma familia modesta e honradissima, o Ex.^{mo} Snr. D. Manuel Agostinho Barreto nasceu no Cocntral, bispado de Coimbra, em 7 de dezembro de 1835.

Depois de ter completado os seus estudos de instrucção primaria e secundaria, com singular aproveitamento, matriculou-se na Universidade de Coimbra, seguindo o curso theologico, no qual foi estudante distincto, merecendo muitos applausos e captivando as sympathias de condiscipulos e professores, pelos seus dotes intellectuaes, não vulgar applicação e excellentes qualidades.

Depois de ter completado a sua formatura, recebeu as sagradas Ordens e logo se distinguio, não só como sacerdote modelo, cheio de modestia e candura, mas tambem pelos seus bem elaborados sermões, cheios de unção e repletos de erudicção. Foi um orador sagrado muito festejado no Porto, em Coimbra e em outras cidades de Portugal.

Foi nomeado, em 14 de agosto de 1864, professor de sciencias ecclesiasticas, no Seminario de Lamego, e em 28 de agosto de 1866 conego da Sé d'aquella cidade.

O illustre Prelado Lamecense, o Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. D. Antonio da Trindade, que lhe conhecia as virtudes e lhe apreciava os dotes intellectuaes, nomeou-o, em 1870, Vigario Geral e Provisor do Bispado, encarregando-o varias vezes do Governo da Diocese, quando tinha de ausentar-se d'ella temporariamente. O joven capitular bem mostrou então quanto valiam os seus dotes intellectuaes e os conhecimentos que adquirira pelo estudo e bem assim, quanto eram nobres os seus sentimentos. Captivou, em pouco tempo, as sympathias e o respeito dos habitantes d'aquella antiga cidade, e não poucas vezes, apesar da sua modestia, pôz em relevo as suas raras virtudes, incansavel actividade e inexaurivel caridade. Fez parte de commissões importantes e dirigiu com muito

zelo e intelligencia o Asylo dos Orphãos de Lamego e outros institutos de caridade e piedade.

O Summo Pontifice Pio IX, de gloriosa memoria, tendo conhecimento do seu zelo e virtudes sacerdotaes, honrou-o com o titulo de Monsenhor.

Em dezembro de 1874 vagou a diocese do Funchal pela transferencia do Snr. D. Ayres d'Ornellas para Arcebispo de Gôa, Primaz do Oriente.

Mais de dois annos esteve viuva de Pastor a egreja Funchalense, porem a 8 de junho de 1876 resolveu-se o Governo de S. Magestade a apresentar o Ex.^{mo} e R.^{mo} Monsenhor Manuel Agostinho Barreto para Bispo do Funchal, nomeação que a Sancta Sé confirmou a 28 de setembro do mesmo anno.

Foi recebida, no Funchal, com alvoroço a noticia de que em breve terminaria a longa viuvez da diocese e que o seu novo Prelado seria digno de occupar o solio episcopal de uma Sé que contava no numero dos seus Pastores muitos varões illustres pelas suas virtudes e saber.

Saudosos do seu querido Bispo D. Ayres d'Ornellas e Vasconcellos, os madeirenses consolavam-se em saber que o seu futuro Bispo era tão digno, virtuoso e esclarecido como aquelle eminente Prelado. E foi com verdadeiro praser que ouviram a noticia de que Monsenhor Barreto tinha recebido a saagração episcopal na egreja do Convento da Estrella de Lisboa, em 4 de fevereiro de 1877.

No dia 20 do mesmo mez embarcava o novo Antistete, no paquete portuguez — *Luso*, que seguia viagem para a Madeira, chegando alli no dia 22. Era já noite quando o Prelado desembarcou na praia do Funchal, onde se achava grande concurso de povo de todas as classes, para o ver e receber a sua benção. S. Ex.^a R.^{ma} foi cumprimentado a bordo do paquete pelo Governador Civil, Secretario Geral e Administrador do Concelho, que o acompanharam no desembarque, dirigindo-se depois á Sé Cathedral, onde o esperava o Corpo Capitular e o clero.

No domingo seguinte á sua chegada á Madeira, 25 de fevereiro, o novo Prelado fez a sua entrada solemne na capital da Diocese, concorrendo áquella acto os mais distinctos cavalheiros da cidade e grande numero de pessoas de todas as classes da sociedade. As maneiras affaveis e o agrado com que S. Ex.^a R.^{ma} recebia todos quantos o procuravam grangearam-lhe muitas sympathias entre os seus novos diocesanos.

Logo no começo do seu governo episcopal coube ao novo Prelado a espinhosa missão de declarar interdito o cemiterio publico da cidade e de defender energicamente os direitos da Egreja

atacados pela impiedade maçonica, que se levantou contra as sabias medidas e regras disciplinares do novo Bispo, porem este nunca arredou um passo do caminho recto, nem transigiu com as exigencias de potentados locais e de influencias partidarias. Usou da mais consummada prudencia e exhibiu os mais nobres exemplos de paciencia evangelica.

O seu proceder tem sido sempre, até nas mais dificeis circumstancias, o de um homem que está certo de que cumpre o seu dever e de que faz a vontade de Deus, que o elegeu para ser um dos successores dos seus apóstolos.

Conhecida a indole bondosa e recta do Prelado, e a sua regidez de principios, aquelles que se insurgiram contra elle começaram a afrouxar na lucta, depondo as armas e conformando-se com as sabias determinações de tão illustre varão apostolico.

Tendo entrado no exercicio da sua missão evangelica, começou por dar particular attenção ao seu seminario. Melhorou muito as condições internas da casa e augmentou o quadro dos estudos preparatorios, conseguindo estabelecer aulas de instrucção secundaria dentro do seminario para os alumnos internos e externos, a fim de evitar que estes frequentassem o Lyceu nacional, como antes era costume, com grave prejuizo da disciplina d'aquella casa de educação religiosa.

As muitas reformas que S. Ex.^a empreendeu n'aquelle estabelecimento demandavam o emprego de maiores capitales do que aquelles que lhe podia fornecer o cofre do seminario e o da Bulla da Santa Cruzada. O Prelado não hesitou em occorrer ás despezas necessarias, com dinheiro do seu proprio bolso.

Observou S. Ex.^a que em muitos bairros da cidade, especialmente no de Santa Maria Maior, vagueavam muitas creanças de ambos os sexos, entregues á vadiagem e á mais grosseira ignorancia; tractou logo de prover de remedio a este mal creando escholhas subsidiadas pelo seu bolso onde aquellas infelizes creaturinhas podessem ter o pão do corpo e do espirito, e onde se habituassem ao trabalho. Metteu mãos á obra e estabeleceu uma eschola do sexo feminino, na freguezia de Santa Maria Maior, e outra do sexo masculino, diurna e nocturna, junto ao Paço episcopal. Para a eschola do sexo feminino poude encontrar almas bemfazejas que muito o auxiliaram. Algumas senhoras caridosas não só fizeram o sacrificio do seu tempo, para ensinarem ás creancinhas as letras e os trabalhos proprios do seu sexo, mas tambem se prestaram a esmolhar de porta em porta para occorrer ás despezas extraordinarias d'aquelle estabelecimento, que augmenta de dia

para dia, com a entrada de novas alumnas.

A estes actos de caridade e zelo pastoral poderíamos juntar muitos outros, entre os quaes, avultam: subsidios a pobres recolhidos, esmolas ao Asylo de mendicidade, soccorros pecuniarios a sacerdotes necessitados, applicando S. Ex.^a a estas e outras obras meritorias os proventos que auferde de multas de dispensas matrimoniaes e de outras causas do fóro ecclesiastico. Auxilia tambem S. Ex.^a R.^{ma} a Associação Catholica, á qual cedeu espontaneamente uma das salas do Paço episcopal para as sessões solemnes.

E' infatigavel propagador e protector da obra da sanctificação do Domingo. Convoca as reuniões mensaes e celebra uma Missa rezada pelas intenções de tão benemerita obra, fazendo ao Evangelho uma humilia sobre os deveres de todo o christão na practica do 3.º preceito do decalogo.

Não menos sente a benemerita conferencia de S. Vicente de Paulo a benefica influencia da ardente caridade de S. Ex.^a R.^{ma}

O Prelado Funchalense, no seu zelo infatigavel tem regulado a liturgia e as devoções em toda a diocese, sendo, das devoções, a mais consideravel a do apostolado da oração, espalhada por todas as freguezias urbanas e ruraes, com excellentes fructos para os costumes e moralisação dos povos.

E' notavel a frequencia com que o nobre Bispo sobe ao pulpito na sé cathedral e nas egrejas da diocese. E' orador secundo e facil, correcto e doutrinal e infatigavel evangelizador. Em todos os domingos do Advento e da Quaresma tem S. Ex.^a feito doudas conferencias, explicando as suas sabias pastoraes. Nos domingos de Lausperene, Mez de Maria, na egreja de S. João Evangelista, e na devoção do Sagrado Coração de Jesus, na egreja do convento de Santa Clara, não deixa S. Ex.^a R.^{ma} de subir ao pulpito para fallar aos fleis sobre aquellas preciosas devoções, que elle alimenta e protege.

Sempre que se dá occasião não deixa de ministrar aos seus diocesanos a palavra evangelica, cheia de uncção e de vida.

Em maio de 1879 teve S. Ex.^a R.^{ma} o prazer de vêr no seio da sua diocese o illustre Arcebispo de Goa, D. Ayres d'Ornellas e Vasconcellos, a quem succedera no solio episcopal funchalense. O Snr. D. Manuel Agostinho Barreto, por essa occasião, deu ao seu illustre antecessor todas as provas de attenção, affecto e fraternal amizade.

Com grande magoa tem S. Ex.^a R.^{ma} visto ceifados pela morte muitos dos mais prestantes membros do seu clero.

Quando tomou posse da diocese exis-

tiam vivos 6 ou 7 capitulares, hoje apenas resta um, cujos incommodos de saude e deveres do cargo de deputado da nação o inibem de comparecer no côro, acontecendo varias vezes não haver Missa capitular na Sé cathedral, com grave escandalo de pessoas piedosas nacionaes e estrangeiras que affluam áquelle templo na hora da Missa solemne. Este gravissimo mal, que o Prelado do coração deplora, e que tem tentado remediar, é devido, diga-se a verdade, ao pouco caso que os poderes publicos fazem do culto divino e á pouca ou nenhuma fé com que cumprem as condições que lhes são impostas nas concordatas com a Sancta Sé, pois sabemos que uma das clausulas inseridas na ultima concordata relativa á circumscripção das dioceses do reino é o preenchimento dos quadros capitulares. Assim, por incuria do governo central, a Sé cathedral de uma cidade frequentada por estrangeiros de todas as nacionalidades, não tem o pessoal indispensavel para a celebração dos mais simples actos do culto catholico! Este estado de cousas tem magoado o magnanimo coração do prelado funchalense. S. Ex.^a tem sentido muito a falta do seu venerando Vigario Geral e de outros ecclesiasticos que com elle cooperavam para o bem geral da diocese.

Apezar da falta de clero e dos poucos recursos com que pode contar, S. Ex.^a não se poupa a despezas e incommodos para visitar frequentes vezes as freguezias da sua diocese, deixando por toda a parte onde passa o cunho da sua caridade, illustração e zelo apostolico.

Tem-se S. Ex.^a empenhado em que todos os annos o seu clero gose do beneficio de um retiro espiritual, do qual S. Ex.^a participa, offerecendo para esse fim o seu seminario, e fazendo á sua custa as necessarias despezas.

Os estrangeiros catholicos que affluem á Madeira vão quasi todos apresentar os seus respeitos ao Prelado funchalense e não ha um só que não saia da presença de S. Ex.^a encantado da sua affabilidade e variada conversação. S. Ex.^a falla correntemente a lingua franceza. Cavalheiro generoso, não ha uma pessoa que entre os umbraes do paço episcopal ou da casa de campo de S. Ex.^a R.^{ma} á Penha de França para lhe pedir soccorro ou sollicitar uma graça que o seu pedido não seja satisfeito, uma vez que se conforme com a justiça, com a lei e com as circumstancias do Prelado.

Na sua vida domestica o Snr. D. Manuel Agostinho Barreto é modesto e sobrio, fugindo da ostentação e do luxo. E' bondoso e affavel para com os seus familiares e para com todos quantos o cercam.

A sua principal occupação é a admi-

nistração da diocese, a leitura de bons livros e de bons jornaes.

Muito mais poderíamos dizer de tão grande vulto, mas o pouco tempo e o curto espaço de que podemos dispor obriga-nos a terminar aqui esta noticia da vida e dos trabalhos apostolicos de um Prelado querido e respeitado na sua diocese e estimado e admirado no nosso paiz e fora d'elle, onde tem chegado a fama das suas virtudes e apreciaveis dotes.

* * * *

A descripção das duas outras gravuras sairá no proximo n.º

SECÇÃO LITTERARIA

A estatua de Affonso

- Eil-o de pé, o vulto legendario,
no pedestal glorioso!
Eil-o, atravez do pó de sete seculos,
rompendo belliezo!...
- Estampa-se-lhe a fronte, em nobre aureola!
Tem porpções estranhas?!
Monumento maior, sagran-lhe as chronicas,
sobre immortaes façanhas!...
- Desobre a fronte, oh multidão fronetica;
Saúda, applaude, acclama!
De palmas cobre, e loiros, essa estatua,
celebra a etorna fama!...
- D'estes muros o vô, soltou a agua,
surgiu o heroico infantil
Audaciosos grapavam-se os exercitos,
de em torno ao seu montante.
- E, qual fero leão, rugindo impavido,
que o susto espalhe e gere,
tal o agareno acossa, rachagando-o,
onde o crescente impero!
- Sobre a plumagem do seu elmo, a gloria
voava complacente!
Sobre o aço do arnez, de cem victorias,
mirou-se o sol ardente!...
- Onde ha muros de firme resistencia,
co'a espada se os roçou?
Onde phalanges, que não volvam turbidas,
se, fero, as oncarou?!...
- Desmaivavam monarchas, sobre o solio,
ruíam baluartes;
e, a seus pés, vinham dar, rolando em vortices,
corças e estandartes!
- Era o nune da guerra e do exterminio,
movendo a ignea espada!
a espada, a cujo brilho, o luso imperio
teve a planta traçada!...
- Mas um dia o seu braço afrouxa languido,
e desoce vacillante!
Restava do heros, a sombra tremula
de um velho, n'esse instantel!...
- E então longe atirando o heroico gladio,
n'um gesto singular,
os braços, moito risonho, altivo e pallido,
no paíto foi cruzar!
- Por ti Intei, oh craz, por ti, oh patria!
Não mais devo, nem oiso!
Dá-me o frio agasalho, oh marmore funebre,
dá-me, em teu seio, repoiol!...
- Disse. E, dos seculos, descendo o circulo,
se afasta e... affim... sumia!
E hoje em bronze, evocado pela historia,
n'essa estatua surgiu!...

Mattos Ferreira,
prior em Cintra.



UM RELIGIOSO DO MONTE S. BERNARDO

SECÇÃO NECROLOGICA



Um dos mais valentes soldados da Cruz; um dos mais estrenuos defensores das verdades do christianismo foi ha pouco chamado a eterna mansão.

O Rv.^{mo} Dr. Santos Monteiro, já não existe! D'entre as festas com que Villa do Conde recebera El-Rei, foi levado nos braços, do templo para o leito, d'onde se não levantou mais, d'onde mais não saíra se não para a vala do cemiterio!

Triste noticia é esta que damos a nossos leitores!

O Dr. José dos Santos Monteiro, laureado na Universidade, foi conego da Sé de Lamego, abandonando a cadeira capitular, para se dedicar ao magisterio parochial, sendo nomeado prior de Villa do Conde.

Não é para aqui, porque nem nós o sabemos noticiar, os motivos que o levaram a despír a murça de conego da Sé de Lamego; basta que digamos a nossos leitores, aos que não conhecem o vulto eminente de que nos occupamos, que o Dr. Santos Monteiro fôra orador distinctissimo, catholico fervoroso, propugnador das verdades do christianismo e um verdadeiro sacerdote.

E de mais nada carece para merecer as nossas orações; mas além de tudo, era, e foi-o sempre, leitor e amigo do *Progresso Catholico*, o que lhe dá direito ás nossas homenagens. Oremos, pois, todos suffragando a alma do grande orador sagrado, do illustrado sacerdote, do bondoso amigo.

A suas Ex.^{mas} irmãs enviamos a sincera manifestação do nosso mais fundo pesar, pedindo ao Senhor lhes dê balsamos com que cicatrizar tão profundo golpe.

Falleceu tambem ha dias o Rv.^{mo} Snr. Padre Antonio Dias de Freitas, virtuoso sacerdote de Negrellos, tio de outros dois sacerdotes amigos do *Progresso Catholico*, os Rv.^{mos} Padre Antonio Coutinho e Padre Joaquim Dias da Costa Freitas.

O finado era assignante desde o principio da nossa Revista e portanto dever é nosso e de todos os bons catholicos que contornam a nossa bandeira, offerter suas orações como suffragios por sua alma.

A seus sobrinhos e mais familia, damos sentidos pezames.

RETROSPECTO DA QUINZENA

VISITOU Guimarães no dia 20 a familia real, que estaciona no Bom Jesus, em Braga. Fez a sua entrada aqui perto das 2 horas da tarde entre afestoados e sob uma abobada de bandeiras.

O dia estava esplendido, um sol ardente, que mais parecia de verão que de fins de outubro. A cidade mostrou-se digna, empavesando-se gallhardamente, e o povo, pejando todas as ruas e largos, com a curiosidade de ver os regios viajantes, dava a Guimarães um aspecto muito differente do costumado. As illuminações magnificas.

SS. MM. e AA. á chegada entraram na Collegiada e assistiram ao *Te-Deum* que o cabido cantou, dando-se o agradável espectáculo, ao snr. presidente do conselho de ministros, de vêr quasi realisados os seus ardentes desejos—a extincção da Collegiada. S. ex.^a viu um conego! De tarde assistiram SS. MM. e AA. á solemne inauguração da estatua de D. Affonso Henriques, e em seguida ao lançamento da primeira pedra para a casa das escolas industriaes. Depois de jantar em casa do ex.^{mo} snr. conde de Margaride partiram para Braga, ás 10 horas da noite.

Não terminaremos esta rapida noticia sem agradecer os convites que a esta Redacção foram feitos: do ex.^{mo} snr. conde de Margaride para tomar parte no cortejo civico; do ex.^{mo} conselheiro Madeira Pinto, director geral da Direcção Geral do Commercio e Industria, para assistir á inauguração das obras da escola industrial; da commissão central dos festejos para assistir ao *lunch* que offereceu em nome da cidade.

Dever é nosso agradecer em nome da redacção tão distinctas honras, sentindo não poder, pelos nossos trabalhos, comparecer como desejavamos.

E' pasmoso, forçoso é confessal-o, o movimento que se observa respeitante ao Jubileu Sacerdotal do Santo Padre. Hoje podemos acrescentar ás já dadas noticias as seguintes:

A subscrição aberta em Pariz para offerter a Sua Santidade uma rica tiara, está já fechada, com a somma de 600:000 francos (CENTO E DEZ CONTOS DE REIS); a Hespanha enviará uma Alhambra de marmore branco; a Hungria um calix de tamanhas dimensões, que só um gigante como S. Chrystovão d'elle podia usar; Mr. Perin offereceu á Sociedade bibliographica, como obsequio a S. Santidade para o proximo Jubileu uma joia typographica, *O Padre* nosso, impresso em 150 idiomas, edição rarissima feita no tempo de Napo-

leão I; a princeza Clotilde concluiu já uma capa que andava bordando para S. Santidade, obra mestra bordada a ouro sobre tela de seda branca; o Marquez de Cubas, bem conhecido pelas muitas obras de caridade que faz em Madrid, obsequiará o Santo Padre com um magnifico tapete de veludo, imitação dos que se usam nas grandes casas turcas. E' uma obra especial em tapeçaria e que muito honrará a Hespanha. O seu peso será de cincoenta arrobas!

Os deputados da republica do Equador votaram uma somma importante para offerter ao Papa, em nome do seu paiz, uma recordação, memorando o seu Jubileu Sacerdotal.

Em Portugal consta que, por iniciativa do Padre Antonio Candido, tambem os deputados vão fazer o mesmo. Mas talvez seja pela...

Outro milagre de Lourdes!

O R.^{mo} D. Benito Torrò, narra o seguinte factio ao *Semanario de Figueras*:

«Uma velha mulher, chamada Mariana Torrò, impedida quasi de andar, a ponto de não poder dar um passo sem sentir dores horrorosas, o que é do dominio de todas as pessoas d'esta terra, teve a felicidade de lhe ser dada, por uma pessoa amiga, que foi na ultima peregrinação a Lourdes, um pouco de agua da milagrosa fonte, que bebeu, e, apenas a beber começou a andar, a correr pelas ruas do quintal da casa e pelas ruas da povoação, parecendo que havia perdido o juizo. E quando lhe perguntaram a razão de uma tal mudança, ella só respondia, correndo e correndo sempre.

Este factio foi-me contado, e eu mesmo o fui presenciar, pois conhecia a doente, que é ainda minha parente.

Louvores a Deus e á Virgem de Lourdes!»

E' mais um, tomem nota os que não creem em milagres, e os que não gostam de Filhas de Maria, por ellas acreditarem e propagarem, como nós, os milagres operados todos os dias na gruta milagrosa, e onde chega a agua que n'ella nasce.

Plena, plenissima liberdade disfructa o Papa e todos os catholicos em Roma! Pois que? não o dizem as gazetas da Revolução? Não o proclamam as seitas hostis ao christianismo? E, apesar de todo esse concerto, que formam os inimigos do Papado, bradando que o Papa está gosando da mais ampla liberdade, á sombra da *lei das garantias*, os mesmos inimigos da Igreja confessam o contrario. Se não vejamos o que diz a *Reforma*, fallando das festas que se celebraram na cidade eterna, por occasião do jubileu sacerdotal de Sua Santidade:

«..... o governo velará para que nenhuma desordem perturbe a cerimonia que vai celebrar-se no Vaticano. Somente não consentirá que semelhante cerimonia sirva de pretexto a demonstrações anti-nacionaes. E para começar, o governo ordenou que a policia apprehendesse, nas casas de mercadores de artigos de piedade, todos os projectos de mensagem ao papa que tivessem a indicação: «A Leão XIII, pontífice e rei.»

Pois está entendido, que o titulo de rei em Roma, para a Revolução, só pertence áquelle que escalou a Porta Pia, que assaltou a propriedade alheia e d'ella se apossou.

Eis a decantada liberdade de que gozam os catholicos em Roma, sob a dominação Garibaldi-Umbertina.

Não seja tomado á conta de orgulho da nossa parte, nem mesmo de mostra de soberba a transcripção que vamos fazer de uma noticia que achamos no nosso sempre bondoso e esclarecido collega da capital, a *Nação*. Não, senhores. Transcrevendo-a fazemol-o, primeiro, para agradecer ao nosso valente companheiro o bom juizo que da nossa Revista faz, juizo que, mais que a merecimentos d'ella, devemos á amabilidade com que sempre nos tratou, e á amizade, que desde os primeiros annos nos tem dispensado; e em segundo lugar, transcrevemol-a para mostrar que nem todos nos apreciam mal, e que os mais auctorizados na materia, são os que dão á nossa Revista diploma de publicação digna.

E' difficil no campo vastissimo da imprensa agradar a todos; mas mais difficil é ainda poder satisfazer aos mestres, aos velhos campeadores da imprensa; e quando a estes se satisfaz podemos orgulhar-nos de cumprir o nosso dever.

Eis pois o que a nosso respeito escreveu a *Nação* em seu n.º 11136:

«O *Progresso Catholico*.—Publicou-se o n.º 23 do anno 9.º do *Progresso Catholico*, conhecida revista religiosa, scientifica e artistica, dada á estampa na cidade de Guimarães. É uma bella e util publicação, segura na doutrina, mimosa na phrase, e uma das poucas publicações religiosas, que, entre nós, se podem recommendar.»

Agradecendo ao nosso esclarecido collega e companheiro, louvamos tambem ao Senhor por nos deixar colher estas flores vigosas entre os muitos espinhos que nos cercam.

Lembram-se os nossos leitores de terem lido no *Retrospecto da Quinzena*, d'esta Revista, a noticia da estada em Guimarães de dois missionarios da Asia? Pois ao que alli se dizia, e que a *Ordem*, respeitavel collega nosso de Coim-

bra publicou, acrescentou o mesmo collega o seguinte, que com muito prazer reproduzimos:

«Ha dias que os mesmos Rvd.ºs Padres tem estado de visita n'esta cidade. Tornam-se effectivamente respeitaveis pelo seu aspecto venerando e pelas compridas barbas, encanecidas nas privações das missões de Macau e Timor.

Não tivemos a honra de receber visita dos respeitaveis sacerdotes, mas nem por isso deixámos de nos interessar a seu respeito, e de pedir informações suas.

Um d'elles, o Padre Manuel Alves da Silva, é natural de Villa Seca, proximo d'esta cidade, e pelo relatorio que em breve publicaremos, poderão os nossos leitores avaliar dos serviços que tem prestado á causa da civilização, da patria e da religião.

O outro, o Padre Sebastião Maria Aparicio da Silva, foi tambem por muito tempo missionario em Timor; estudou a fundo uma das linguas principaes do paiz—o *tetum*, e deu-se ao improprio labor de accommodal-a á escriptura, o que ninguem tinha ainda feito: publicou já um cathecismo em *tetum* e trabalha actualmente na revisão dos seus apontamentos para a publicação d'um dictionario da mesma lingua. Para levar a effecto este importantissimo trabalho, que abre largos horisontes aos missionarios em Timor, fôra o R.º Padre Sebastião chamado ultimamente a Macau, onde o Ex.º Sr. Bispo pôz á sua disposição a typographia do Seminario e o fez seu secretario particular e companheiro dos seus trabalhos apostolicos, concedendo-lhe muito a custo a sua visita á Europa, e aos lares patrios.

Se não fossem Padres certamente não faltariam aos Rvd.ºs Missionarios as ovações e recepções estrondosas pelos seus trabalhos e excursões aos reinos interiores de Timor, etc.

Mas como são Padres... »
E é verdade, dizemos nós! Não fossem padres, e tivessem andado por terras d'Asia em recreativa passeata á custa do Estado, e veriamos que de festas se lhes faziam, quantas vezes se apresentariam ás academias, ao monarcha, e que estrondosos artigos nos jornaes, que pregões, que cousas!...

Mas são padres... como bem diz o nosso collega! Mas veja-se o que elles valem!

Está definitivamente marcado o dia em que o Ex.º e R.º Sr. Arcebispo Primaz visitará esta cidade.

Fará a sua entrada solemne no dia 11 do proximo novembro. No dia 12 terá logar a benção da igreja de S. Francisco; no dia 13 celebrará S. Ex.ª R.ª Pontifical na festividade do Santo Pa-

triarcha, e no dia 14 ministrará o santo sacramento do Chrisma.

O virtuoso Prelado hospedar-se-ha em casa do ex.º conde de Margaride, presantissimo cidadão vimaranense.

Preparam-se grandes festas.

Devemos aos nossos leitores uma reparação, que damos tambem aos sacerdotes que a merecem.

Quando n'um dos passados numeros publicamos os nomes dos padres que estavam na camara dos deputados, ao ser approvedo o additamento do Ex.º Sr. D. José de Saldanha, dissemos que só um approvára o additamento. Ainda que n'essa occasião nos referimos ao jornal d'onde tiráramos a noticia, nem por isso nós julgamos de desfazer o erro, desde que o nosso collega esclarecido do *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, nos diz que dos padres que estavam então na camara approvaram o additamento, logo, ou por que assignaram depois, os Snrs. Conego Teixeira, João Pinna e Brandão.

Quando um deputado da nação nos veio á mão, se nos apontasse os nomes dos que assignaram, e se assignasse a carta, podiamos logo fazer este reparo; não disse quem era e nós temos horror a letras anonymas, por isso...

Todos os jornaes publicam um decreto *Urbi et Orbi* da Sagrada Congregação dos Ritos que confirma e renova as prescripções e exhortações que o Santo Padre dirigiu nos annos precedentes ao mundo catholico, recommendando a devoção do Rosario principalmente durante o mez d'outubro.

Este decreto eleva ao rito duplex de segunda classe a festa de Nossa Senhora do Rosario no primeiro domingo d'outubro. O decreto diz, em apoio d'estas prescripções, que é mister pedir a Deus, por intercessão da Santissima Virgem, que pacifique a horrivel tempestade das adversidades presentes, afim de que sendo destruido o imperio de Satanaz, *eversa Satanae imperio* e vencidos os inimigos da religião, a nau mystica de Pedro, hoje tão açoitada, possa gozar a desejada tranquillidade.

Escusado será dizer, que a devoção do Rosario se pôde fazer em qualquer mez até dezembro, desde que haja impossibilidade de a fazer em outubro.

No dia 28 de setembro passado chegaram ao Funchal, da missão que foram fazer a Porto Santo, os Rv.ºs Padres Schmitz e Padre Oliveira, aquelle exemplarissimo sacerdote da Madeira, e este o bem conhecido missionario do Minho, que nós já admiramos no pulpito, e que tanto tem agradado aos catholicos madeirenses. Os dois missio-

narios devem ter deixado um rasto de luz em Porto Santo.

O Padre Borges havia ficado em Macau, d'onde tinha de passar para Santa Cruz para prégar na vespera da festividade do Rosario.

Sabe já quasi toda a gente, pelo menos em Portugal, que existe na cidade do Porto um instituto de educação e caridade, com o nome de Bom Pastor, e sabe tambem toda a gente a guerra estúpida e malcreada que se lhe faz na mesma cidade onde esse bello instituto exerce a sua acção.

Pois no Brazil, n'esse grande imperio que nossos maiores fundaram, não

O snr. Bispo de Angers e a Casa mãe d'esta congregação iniciaram negociações com a Santa Sé para o processo de beatificação da illustre fundadora do instituto religioso do Bom Pastor.

Quando terá o Brazil uma instituição d'esta ordem?

Esta obra além de religiosa é altamente social.

A mais santa, a mais bella, a mais attraente e a mais humanitaria das virtudes que exornam e engrandam o nobre e grandioso ramallete das virtudes santas, que a Egreja nos apresenta, é, por sem duvida, a caridade.»

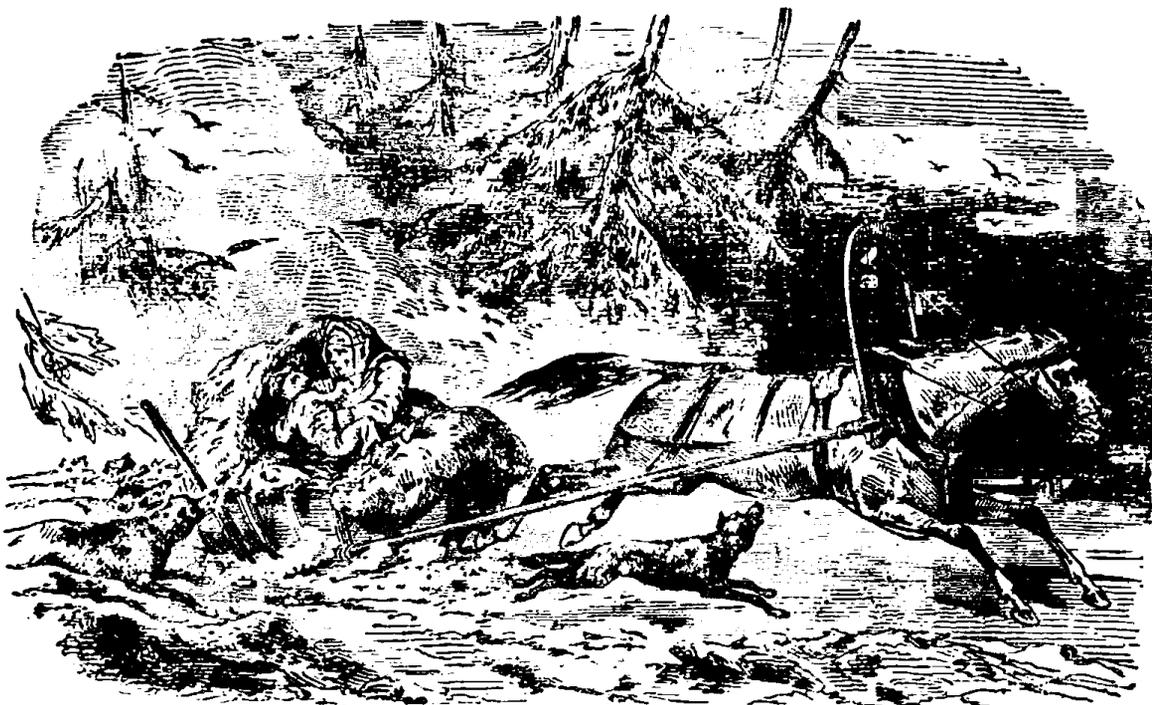
Vá a noticia á

ceptuando uma mentecapta, todas são christãs, devido ao zelo e dedicação heroica das benemeritas irmãs da caridade que as visitam com frequencia para consolal-as no seu horroroso sofrimento, e abrir-lhes os olhos á luz da verdade que o Divino Mestre veiu ensinar ao mundo.

Depois de instruidas e convenientemente preparadas para a recepção do

baptismo, foi-lhes este administrado pelo R.^{mo} padre Lema que na quarta-feira, 10 do corrente, as foi tambem confessar, para que no dia seguinte estivessem bem dispostas a receber as de-

mais graças que lhes ia levar o seu Ex.^{mo} Prelado.



COMO SE VIAJA NA RUSSIA

existe nenhuma casa do Bom Pastor, o que muito sentem os bons catholicos brazileiros, como nos diz o *Thabor*, nosso esclarecido collega d'aquelle imperio, na seguinte noticia:

«Já ha tempos fallámos em artigo editorial d'este religioso instituto que tem por fim recolher as mulheres perdidas que vivem constrangidas n'essa desgraçada vida por não terem outro meio de vida.

Esta congregação tem o seu centro em Angers e foi erecta em 1832. Conta actualmente 156 casas com 4 mil religiosas e 20 mil raparigas recolhidas. A congregação está difundida por todo o mundo, e o Porto tem a felicidade de possuir um instituto d'esta ordem, que está prestando assignalados serviços.

Porto insulta as boas irmãs do Bom Pastor.

Vá mais uma noticia, que é outra corôa a aureolar a fronte das Irmãs da Caridade. E' tirada d'uma carta de Macau, publicada no *Commercio de Portugal*, de Lisboa:

«S. Ex.^a R.^{ma} e Sr. bispo diocesano, acompanhado do vigario geral, d'outros ecclesiasticos e do sr. presidente da comissão da Santa Casa da Misericórdia, fez na quinta-feira passada uma visita ao hospicio das mulheres chinas leprosas que o nosso governo sustenta na ilha de Cahó.

São 20 infelizes que alli se acham isoladas da sociedade, mas que a religião não abandona.

Todas ellas eram gentias e hoje, ex-

S. Ex.^a R.^{ma} celebrou o santo sacrificio debaixo d'uma barraca que se armou em frente da casa, onde vivem as infelizes leprosas, deu-lhes a sagrada communhão e no fim administrou-lhes o santo sacramento da confirmação.

Era edificante e pathetico ver a devoção, o contentamento e as demonstrações de reconhecimento que aquellas desditosas manifestavam ao sr. bispo e a todas as pessoas da sua comitiva.»

O que não fizerem estas mulheres, que *boa gente* odeia, não o faz ninguém! Nem tem medo das leprosas! Sempre são Irmãs da Caridade!

Distribuimos com o presente n.º as capas do 9.º volume, pedindo desculpa de o não fazer com o anterior.

J. de Freitas.